O aspecto negativo da modernidade no ponto de vista de “Ole Andreson” no conto “The Killers” de Ernest Hemingway

Simone Brito Ribeiro

O conto The Killers foi escrito em 1926 e foi uma das obras mais influentes de Ernest Hemingway.

O conto nos direciona para uma visão do cotidiano urbano, pois além de contar a história de dois assassinos, os quais buscam matar um homem em favor a um amigo, mostra as hostilidades da vida urbana e uma série de reflexões sobre os efeitos da modernidade. Empregando uma linguagem direta, inflexível e detalhista, com certo sarcasmo, Hemingway mostra de maneira sistemática, o pessimismo de um personagem marcado para morrer. O autor apresenta através da imagem de um ex-lutador de boxe, as adversidades da modernidade, resultantes da insegurança no mudo, causada pelo período da Guerra Mundial.

O aspecto negativo a si mencionar está na postura do ex-lutador Ole Andreson, diante da situação de ser assassinado e principalmente por ele não demonstrar nenhuma preocupação com isso:

[...] and they said they were going to kill you.’

It sounded silly when He said it. Ole Andreson said nothing.

‘They put us out in the kitchen’. Nick went on. ‘They were going to shoot you when you come in to supper.’

Ole Andreson looked at the wall and did not say anything.

‘George thought I better come and tell you about it.’

‘There isn’t anything I can do about it’, Ole Andreson said. (Hemingway, p. 15)

Assinalado para morrer, Andreson se depara com uma realidade hostil e sem solução. Sua morte é inevitável. Dentro deste contexto “Ole Andreson shows similar cowardice” (The Ernest Hemingway Primer. 2009. p. 08), e mostra o vazio moral e o desdém à vida. Ole não demonstra qualquer abalo ao saber sobre os assassinos. Não toma precauções para se defender. Aparentemente, está preparado para aceitar seu destino. Mostrando que a realidade os receios e as tensões são irreversíveis.

Diante da possibilidade de sua morte o ex-lutador perecia já ter conhecimento de toda a situação a sua volta, pois quebra sua rotina e não vai jantar no restaurante como costumava ir. Essa atitude concede a narrativa um clima de suspense, frustrando as expectativas dos assassinos. No entanto, mesmo evitando os fatos, o homem aparentemente não se importa com o término de sua vida.

Ole Andreson se recusa a sair do quarto onde estava e fazer algo para resolver a situação que o ameaçava. Ele mostra uma imagem de abatimento e pessimismo para com o mundo, que esta em um estado negativo diante do meio social, ou seja, é a representação da individualidade na qual mostra ao leitor “um mundo a partir de uma consciência individual” (ROSENFELD, S.d. p. 76) mostrando aspectos humilhantes e sem solução para essa realidade. Seria exatamente uma consequência vinda da “supremacia do ambiente sobre o indivíduo” (VOLOBUERF S.d. p. 140).

O individuo marcado para morrer, produz uma ótica de uma crise não passageira. Seria para Rosenfield ( 1989, p.86) fruto dos elementos externos que o homem absorve do mundo e que colocam o ser humano frente a um cotidiano marcado por angústia, dor e desapropriado para a realidade.

Andreson carrega consigo uma realidade em que o ser humano se encontra indiferente diante dos problemas já delimitados pela sociedade concebendo uma compreensão de que “toda raça vive num determinado meio natural e sócio-político, este age sobre a raça deformando-a ou complementando-a” (Samuel, 1984, p. 94). A partir desse pensamento, é aparentemente uma frieza diante da desordem da vida e subjugação ao mundo.

Se analisarmos a formação emocional concedida a Andreson, Rosenfield (1989, p. 83), compreende que a consciência do personagem caminha para a radicalização do monólogo interior onde exprime uma visão antropocêntrica do mundo. Deste modo, a aparência pessimista transmite uma ideia de que oque se esboça no mundo é o sofrimento, a separação e a indiferença.

As circunstancias que se encontram Andreson e os assassinos nos mostram perspectivas negativas da vida, ao mesmo tempo em que expõe que os crimes são cometidos por qualquer razão. Mostra apenas a violência urbana em sua manifestação mais intensificada e definida por valores sociais, políticos, econômicos e morais de uma existência estável.

‘What are you going to kill Ole Andreson for? What did he ever do to you?’

‘He never had a chance to do anything to us. He never even seen us.’

‘And his only going to see us once,’ Al said from the kitchen.

‘What are you going to kill him for, then?’ George asked.

‘We’re killing him for a friend. Just to oblige a friend, bright boy.’

A conversa mostra uma ideia de normalidade em relação ao crime. Os assassinos exibem descaso sobre o que é ou o que fez o homem para ser assassinos. Dentro desse contexto, percebe-se que Hemingway mostra um mundo em que a violência se transformou em algo regular alimentado pelo ceticismo das pessoas no mundo.

Andreson era contrário a qualquer idealização de vida, era uma pessoa sem visão de mundo e prestes a morrer derrotado e desanimado frente a um mundo corroído fisicamente pela violência e a desordem. Contudo, o conto possui uma estrutura psicológica que induz ao medo e mostra a relação melodramática do homem com o mal. À modernidade proporcionou uma mudança na forma como os escritores viam sua arte. Para Evans “the changes in beliefs and political ideas were influenced strongly by the events of the First World War and by the events across the World” (Evans, 1984, p. 143) e Hemingway foi afetado por esse novo conceito que se formava do mundo e do homem.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HEMINGWAY. Ernest. "The Killers". In: Texto p. 54-63.

ROSENFELD, Anatol. 1973. "Reflexões sobre o romance moderno." In: Texto / Contexto. São Paulo, Brasília: Perspectiva, INL, (Debates, 7), p. 75-98.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de Teoria Literária. Petrópolis, Vozes, 1984.

The Ernest Hemingway Primer. Timeless Hemingway Publication (2009). [Versão electrónica] In: Texto p. 02-16. Acedido em: 03/06/2011: WWW.TimelessHemingway.Publications.com.

THORNLEY G. C. et ROBERT. Gwyneth. An Outline of English Literature: Longman Group. Edinburg: England. 1996.

VOLOBUEF, Karin. Clássico e Moderno. Cadernos de Letras da UFF ? Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 139-148, 2008.